

**35º Encontro Anual da Anpocs**

**GT 01 – Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura**

**Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública  
Interconectada**

**Lucas Milhomens**

**Universidade Federal do Amazonas - Ufam**

# Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública Interconectada

## Resumo

O presente trabalho visa analisar como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) utiliza as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Ntics) para promover/difundir sua militância política e luta pela Reforma Agrária. Compreendemos que o MST potencializa suas ações neste início de século XXI através da Esfera Pública Interconectada, um novo espaço de debates gerado pelo ativismo político e social através das mídias digitais e sua utilização. Tendo como espinha dorsal a internet. O que possibilita a este Movimento uma nova forma de atuação junto à sociedade brasileira e mundial: o Ciberativismo Sem-Terra.

**Palavras-Chave:** Esfera Pública Interconectada; Ciberativismo; MST.

## Introdução

A sociedade em rede e informacional é uma realidade. Segundo Castells (1999) ela está presente em todos os aspectos de nossas vidas contemporâneas. Sejam eles econômicos, sociais, culturais e mesmo as ações triviais e cotidianas. Esta articulação global – denominada por muitos teóricos como globalização<sup>1</sup> da sociedade ou simplesmente, globalização –, permanente vivenciada pelas sociedades modernas só é possível, em seu grau de abrangência e capilaridade, pela evolução tecnológica dos sistemas de comunicação, que possibilitam diversas formas de organização, articulação, cooperação e comercialização em múltiplas partes do planeta.

Talvez o maior exemplo do atual modelo de sociedade, já que (e porque) vivemos em um mundo capitalista pós-industrial<sup>2</sup> seja o das organizações financeiras internacionais (ou multinacionais) e seu sistema “especulativo-comunicacional-interconectado”. Contextualizando: quando há uma queda na Bolsa de Valores da Índia, por exemplo, todos os sistemas financeiros do

---

<sup>1</sup> Ver Milton Santos, Por uma outra Globalização.

<sup>2</sup> O conceito de capitalismo pós-industrial também é trabalhado por Castells na trilogia A Era da Informação.

planeta sentem as consequências econômicas deste fato. Exemplos de outros setores da sociedade podem ser enumerados, como os relacionados à cultura e sua produção e difusão de conteúdo em escala global, sendo escoadas pela rede mundial de computadores, um forte símbolo desta nova e interconectada sociedade planetária, onde os bens de consumo imateriais estão à disposição de todos que têm acesso à Rede, hoje quase dois bilhões de pessoas<sup>3</sup> em todo o mundo.

A propósito do tema globalização Santos (2003) nos explica que os processos sociais, que agora acontecem em escala global tendem a aproximar o ser humano da vida coletiva respeitando suas individualidades, fazendo-o compartilhar com outros (muitos destes diferentes entre si) a língua, a cultura e todo tipo de prática social, criando, inclusive, novas possibilidades de relacionamento interpessoal, intercultural e comunicacional. Todavia, o autor questiona, também, a herança de uma globalização nociva, capitalista e que gera (Santos, p.20) “uma perversidade sistêmica que está na raiz da evolução negativa da humanidade, gerando comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas”. O autor é um dos intelectuais que defende um outro tipo de globalização, atrelada a práticas de emancipação política das sociedades, preservando as liberdades individuais e promovendo o conhecimento comum, onde afirma ser esta a possibilidade de escrever uma “nova história da humanidade”, diferentemente do atual processo de globalização capitalista (Santos, p.20-21):

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apóia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX [e começo do século XXI] apontavam para a última possibilidade. Tais condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico [...] No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso,

---

<sup>3</sup> Em setembro de 2009, havia 1,73 bilhão de usuários internet no mundo inteiro, representando um aumento de 18% em relação a 2008, com a seguinte distribuição: Ásia (738.257.230 usuários), Europa (418.029.796), América do Norte (252.908.000), América Latina e Caribe (179.031.479), África (67.371.700), Oriente Médio (57.425.046), e Austrália/Oceania (20.970.490). Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2010/02/02/a-internet-2009-em-numeros-915764628.asp>. Acesso em 09/02/2010.

de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

A “metanarrativa” a que se refere o autor pode ser analisada a partir da verificação de que o fenômeno de articulação global (via redes comunicacionais digitalizadas) em todas as esferas da sociedade só está sendo possível por conta do desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Ntics), ampliadas pela criação e evolução da internet e as tecnologias digitais que a potencializam e a aperfeiçoam. Mais do que uma história de ficção científica (profetizada por livros como o do escritor Isaac Asimov<sup>4</sup>), as Ntics estão mudando a forma de se compreender o mundo, potencializando o uso do que Freire (1969) já assinalava na década de sessenta do século passado. A comunicação dialógica, ou seja, a comunicação mediada pelo diálogo e compartilhamento de informações de acordo com a realidade de cada indivíduo ou sociedade.

Exatamente por esta “virtualidade” fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas, gerando uma produção cultural materializada na imensa quantidade de informação gerada pela internet, esta prática de acesso às Ntics possibilita geração de novos conteúdos, e esses conteúdos, uma nova forma de cultura, alicerçando o que ficou conhecido como Cibercultura.

Para definir o que é Cibercultura é necessário, também, o esclarecimento de outro termo intrínseco ao primeiro, o Ciberespaço. Para tanto utilizamos a explicação dos dois conceitos feitos por Lévy (1999, p. 17) que aborda a questão da seguinte maneira:

O ciberespaço, que também chamarei de “rede”, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e

---

<sup>4</sup> Um dos maiores escritores de ficção científica de todos os tempos.

intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Dada as devidas explicações a cerca das duas terminologias fica mais fácil compreender o cenário comunicacional digitalizado que encontramos neste início de século: mais pluralidade e diversidade de conteúdo, capitaneadas pelas mídias digitais e um número exponencial de opiniões e ideologias dissonantes sendo emitidas sobre os mais variados assuntos e das mais simples e originais formas, dentro e fora do ciberespaço.

### **Nova Esfera Pública Interconectada**

O modo pelo qual a sociedade civil tem-se apropriado das Ntics e da internet pode ser apontado como um dos fatores de transição de um processo de comunicação massiva para uma outra forma de se comunicar, onde a interatividade e o compartilhamento são seus maiores atributos. Identificamos esse fenômeno através da comunicação feita pelas mídias digitais, ou comunicação ciberespacial, entre outras denominações atribuídas às essas tecnologias de comunicação em Rede. Desse modo, a Nova Esfera Pública Interconectada compreende-se como um processo pelo qual a sociedade civil forma opiniões (através destas mídias) e interage com vários setores diferentes e até mesmo antagônicos que povoam o ambiente informacional da sociedade em Rede. Com a internet, os usuários passam a ser consumidores e produtores de informações/conteúdos, podendo emitir opiniões (sob os mais variados formatos e linguagens digitais) sem nenhum filtro editorial.

Benkler (2006) aponta para um paradigma na comunicação, que rompe com a lógica massificada das mídias tradicionais e analógicas, conhecidas como *massa média*. O pesquisador pondera que a rede é uma grande fonte plural de idéias e concepções, um “ecossistema comunicativo baseado nos fluxos digitais”, onde seus usuários possuem as condições favoráveis para a produção de conhecimento nunca antes vista na história da humanidade. Produção esta que muitas vezes questiona a “versão oficial” do conteúdo fabricado pela mídia hegemônica e, por sua vez, favorece a pluralidade de idéias e fortalece a democracia.

Esfera Pública é o quadro de práticas que os membros de uma sociedade usam para comunicar questões que eles entendem ser de interesse público e que potencialmente requer uma ação ou reconhecimento coletivos [...] A mudança é tanto qualitativa quanto quantitativa. A mudança qualitativa é representada na experiência de ser um falante em potencial, em oposição a simplesmente um ouvinte ou eleitor [...] A facilidade de comunicar-se efetivamente na esfera pública permite que indivíduos passem de leitores e ouvintes passivos para potenciais falantes e participantes numa conversa. Essa mudança afeta o poder relativo da mídia. Isso afeta a estrutura de entrada de observações e visões. Afeta a apresentação de assuntos e observações para o discurso. Afeta o modo como os assuntos são filtrados, de pessoa para pessoa. Finalmente, afeta os modos pelos quais posições são cristalizadas e sintetizadas [...]. (Benkler, 2006, p.177-212)

Corroborando com esta opinião, Amadeu (2008) acredita que com o advento das redes ciberespaciais houve uma ampliação da cidadania, fazendo com que os cidadãos comuns, agora municiados com as possibilidades comunicacionais da internet, começassem – independente dos tradicionais formadores de opinião e emissores de conteúdo –, a produzir e debater os assuntos que lhes interessem. Segundo o autor, esta participação só é possível por conta da arquitetura livre da Rede:

No ambiente informacional, as redes digitais estariam promovendo profundas mudanças na esfera pública [...] A primeira distinção está na arquitetura de rede. A arquitetura unidirecional dos fluxos de informação dos *mass media* é alterada para uma arquitetura distribuída, com conexões multidirecionais entre todos os nós, formando um ambiente de elevada interatividade e de múltiplos informantes interconectados. A segunda diferença ocorre nos custos para tornar-se um falante ou emissor. O ambiente das redes digitais elimina os custos de comunicação como barreiras para falar e propagar suas mensagens. (AMADEU, 2008, p.32)

Tendo em vista estas características, o cenário do oligopólio comunicacional do *mass media*, onde a concentração dos grandes veículos de comunicação, controlados por uma minoria de grupos políticos e/ou comerciais é abalada. É possível dizer que esta nova esfera pública (agora interconectada) atua de encontro a esta realidade, ampliando as vozes que em um cenário anterior não tinham espaço para serem difundidas.

## Militância e Lutas Digitais

Ciberativismo é um conceito muito recente em nossa sociedade. Ele surge logo após a popularização da internet através da *World Wide Web*, no início dos anos 90 do século passado, portanto, com menos de 20 anos de existência. Nesse período, a internet chegou e mostrou a facilidade de conectar pessoas diferentes em diversas partes do mundo e também por isso, logo se tornou popular. A velocidade que as informações levam para ir de um extremo ao outro chamou a atenção e despertou interesse de vários setores da sociedade, incluindo o de ativistas que divulgavam suas ideias por outros meios de comunicação. Foi então que surgiram os primeiros vestígios desta militância política pela Rede, que pode ser denominada de ativismo digital ou, como preferimos nesta pesquisa, Ciberativismo.

Para Moraes (2001) o ativismo digital é uma importante forma de atuação e divulgação das populações excluídas, das mais variadas origens e finalidades. Segundo o autor um importante espaço criado para a congregação dessa heterogeneidade cultural foi/é do Fórum Social Mundial (FSM),<sup>5</sup> um encontro planetário com ativistas de todas as partes do globo, que se originou na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e depois se espalhou pelo mundo, consagrando um fenômeno de comunicação que vicejava pela internet (Moraes, p.1):

Organizações não governamentais e entidades civis dos quatro quadrantes estão utilizando cada vez mais a Rede Mundial de Computadores para divulgar suas reivindicações e desenvolver espaços de interação e de mobilização pelos direitos da cidadania. Joëlle Palmieri, presidente da Penélopes, um coletivo feminista atuante na Web, resumiu o consenso alcançado nos debates de Porto Alegre sobre o chamado Ciberativismo digital: “Com a tomada de consciência sobre a importância da internet para a difusão das reivindicações comunitárias, não precisamos mais nos isolar no gueto da contrainformação alternativa, e sim, buscar novos modelos de trocas comunicacionais e de produção de informações afins com a ideia de se construir uma outra mundialização.”

O Ciberativismo geralmente busca apoio para suas causas (que vão desde a defesa do meio ambiente, às lutas de gênero, às lutas partidárias,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/>. Acesso em 13 de novembro de 2009.

anarquistas, de juventude, culturais, étnicas e da luta pela terra) por intermédio da internet e de outros meios tecnológicos. Sua mobilização gera espaço para discussões, procurando estabelecer uma Rede de solidariedade e articulação em torno do assunto debatido. Sua utilização, produção e propagação das informações pela Rede passam a ter maior visibilidade. Essa estrutura favorável que vai desde o baixo custo de seus equipamentos, passando pela possibilidade interativa de suas ferramentas, são consequências de um elemento maior registrado e divulgado por Ugarte (2008), que afirma que a Rede não está mais sob forma “centralizada”, mas sim, “distribuída”.

Quem primeiro pensou essa concepção na comunicação foi o pesquisador Paul Baran,<sup>6</sup> em meados dos anos 60, que classificou três tipos fundamentais de Redes: as centralizadas, as descentralizadas e as distribuídas. As centralizadas definem uma estrutura que eleva um ponto (nó ou nóculo) a um grau de importância superior, sendo que é fundamental a sua presença para a ligação entre outros nós. Ou seja, se o nó central for eliminado, afetará toda a Rede. No caso das redes descentralizadas, o nó tem sua importância relativizada, tendo em vista que os nós são maiores quantitativamente e se organizam de forma mais independente um do outro. Por fim, as redes distribuídas possuem uma forma de malha onde os nós têm a mesma importância entre si, e para alcançar um deles existem vários caminhos possíveis. Isso significa que a eliminação de um ponto não afetará significativamente a estrutura comunicacional da Rede. Sendo mais explícito, a Rede centralizada é aquela que configura o padrão “um com todos”, enquanto a rede distribuída é aquela que configura o padrão “todos com todos”, princípio este, essencial para a prática do Ciberativismo, onde os sujeitos (ou usuários) se comunicam entre si sem a necessidade de um emissor-editor único, diferente do que acontece nos veículos de comunicação de massa.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Baran](http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Baran) .Acesso em 12 de novembro de 2009.



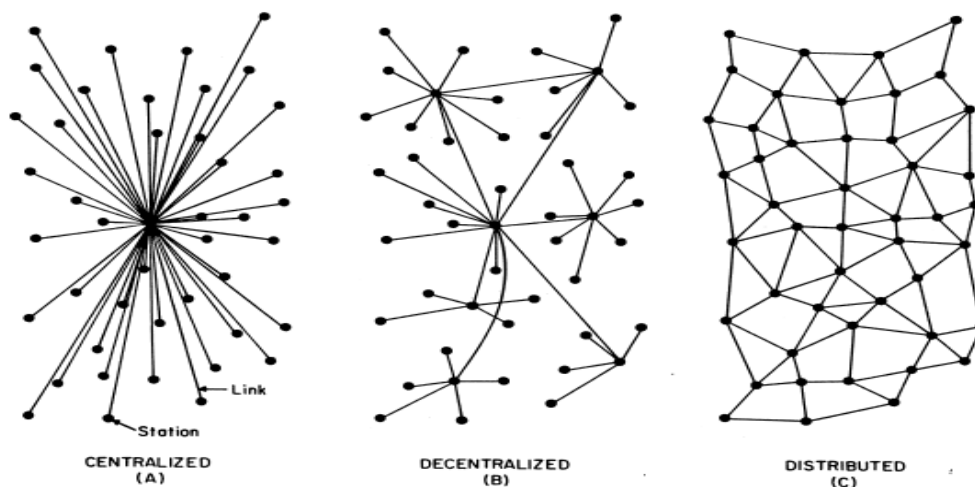


FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

**Figura 1 – Tipografia das Redes de Paul Baran difundido por David de Ugarte.**

Fonte: Manchester. Disponível em: [http://personalpages.manchester.ac.uk/staff/mdodge/Cybergeography/atlas/baran\\_nets\\_large.gif](http://personalpages.manchester.ac.uk/staff/mdodge/Cybergeography/atlas/baran_nets_large.gif). Acesso em 12 de novembro de 2009.

Apesar da distância geográfica minimizada pelo uso da internet, e as ações completamente virtuais que se podem fazer com seu uso, o Ciberativismo não se restringe a uma prática exclusiva da virtualidade. Além do virtual, é necessária a existência do ativismo real. Ou seja, é necessário também o comprometimento e conhecimento do ativista pela causa que se está lutando e não apenas um *clique* como entretenimento em horas de lazer em frente ao computador. O que acontece no nosso mundo analógico, muitas vezes pode ser reproduzido virtualmente, como, por exemplo, a existência de passeatas, abaixo-assinados, petições e protestos de modo geral. Moraes (Ibid), referindo-se à questão, afirma que:

As vezes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e compromettimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou Redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). Essas variáveis, muitas vezes, entrelaçam-se, fazendo convergir formas operativas e atividades.

A internet tem alcançado uma nova relevância como uma ferramenta política. Muitos grupos usam a Rede global para alcançar um novo método de organização, com o objetivo de criar e manter o ativismo na internet. Alguns governos, entre eles, o Irã, Coreia do Norte, Mianmar, China e Arábia Saudita, restringem o que as pessoas em seus países podem acessar, especialmente conteúdos políticos e religiosos. Tal restrição visa abafar o poder da sociedade civil interconectada que cresce cada vez mais em todo o planeta. Um caso célebre e recente (acontecido no ano de 2009) foi a série de protestos virtuais (que desencadearam protestos presenciais) ocasionados pelas fraudes na eleição para presidente da República no Irã e divulgados pela Rede Mundial de Computadores. Foi por meio do Twitter,<sup>7</sup> do Facebook<sup>8</sup> e outras redes sociais que a população iraniana pode trocar informações com outros países, já que os veículos tradicionais de mídia sofriam restrições para fazer suas coberturas jornalísticas.

Atitudes semelhantes se aproximam das ações de mídia tática,<sup>9</sup> incentivando cada pessoa ou cada coletividade que deseja tomar uma atitude, ou divulgar suas ideias, a fazer por eles próprios uso de novas formas de militância. Utilizando técnicas criativas e/ou inovações tecnológicas, através da desmistificação da mídia (como um espaço para pessoas privilegiadas) e da quebra dos padrões de informações que se restringiam a pequenos grupos sociais ou intelectualizados.

Na mesma linha, John Downing (2002) propõe a prática da “mídia radical”, que concomitantemente com o Ciberativismo afirma que os meios radicais alternativos tem “o poder de romper regras, embora raramente quebrem todas elas. Essas mídias também são tipicamente de pequena escala e dispõem de poucos recursos”. Downing aponta ainda que os radicais têm dois propósitos fundamentais. O primeiro seria expressar verticalmente, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder vigente e seu comportamento. E o segundo a obtenção, horizontalmente, de apoio e solidariedade a construção de uma Rede de relações contrária às políticas

---

<sup>7</sup> Microblog de relacionamentos.

<sup>8</sup> Rede social mais popular do mundo.

<sup>9</sup> Mídia tática pode ser definida como a apropriação dos meios de comunicação a fim de se opor ou criticar um alvo que frequentemente ocupa determinada posição de poder. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia\\_t%C3%A1tica](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_t%C3%A1tica). Acesso em: 16 de setembro de 2009.

públicas. O autor destaca como fenômeno recente os centros independentes de mídia (Downing, p.37).

Trata-se de uma Rede sem uma central de organização, que teve início em Seattle. Hoje já existem entre 80 e cem ao redor do mundo. A maioria está nos Estados Unidos e no Canadá, mas há alguns na América Latina e no Brasil. Esses centros oferecem informações e os profissionais, fazem uma cobertura de assuntos nacionais e internacionais. Mas ali é possível obter conhecimento menos ideológico sobre o que ocorre no Oriente Médio, por exemplo. Essa é uma alternativa internacional e pública de mídia.

O Brasil é um dos países onde há o funcionamento de um Centro de Mídia Independente,<sup>10</sup> ou CMI. Com produção de reportagens, textos e denúncias enviados pelos voluntários cadastrados em sua página na internet, o CMI oferece “notícia alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente”.



**Figura 2 – Sítio do Centro de Mídia Independente Brasil.**

Fonte: Sítio CMI. Disponível em:

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>. Acesso em: 10 de setembro de 2009.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/>. Acesso em: 17 de setembro de 2009.

Alguns grupos se encaixam no que podemos chamar de “guerrilha midiática”, a fim de desmascarar a grande mídia tradicional, apontando para a não confiabilidade e a fragilidade da verdade oficial nas notícias transmitidas.<sup>11</sup> Nesse sentido, o Ciberativismo é um importante mecanismo que contrapõe esta “mídia do século passado”, justamente porque a mesma é pouco sensível aos anseios da população, não incorporando suas demandas. Ou seja, podemos dizer que nas mídias tradicionais há pouca interação entre emissores e os receptores. Ao contrário das mídias digitais onde produtor e consumidor são, geralmente, a mesma pessoa. Essa situação viabiliza um ambiente de liberdade e politização das ações desses consumidores, que agora são, também, produtores de conteúdo. Esse é também o caso da comunidade virtual dedicada ao Ciberativismo brasileiro,<sup>12</sup> um espaço de discussão, produção, circulação e difusão de conteúdo especificamente direcionado à temática do ativismo midiático-digital realizado no País, incorporando, inclusive, vários pesquisadores acadêmicos que se interessam pelo assunto.



**Figura 3 – Comunidade de Ciberativismo do Brasil.**

Fonte: Ciberativismo Ning. Disponível em <http://ciberativismo.ning.com/>. Acesso em: 10 de setembro de 2009.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberativismo>. Acesso em: 17 de setembro de 2009.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://ciberativismo.ning.com/>. Acesso em 10 setembro de 2009.

Segundo Castells (2003, p. 48), participar e criar comunidades virtuais organizadas em Redes sintetiza a prática da livre expressão global, numa era dominada por vários conglomerados de mídia e burocracias governamentais censoras. O autor lembra que essa liberdade de expressão de muitos para muitos foi compartilhada por usuários da internet desde os primeiros estágios da comunicação *online* e tornou-se um valor difundido por toda a Rede.

Um dos trunfos da utilização da internet pelos movimentos sociais é justamente a comunicação horizontal, que nada mais é do que aquela que é feita diretamente entre os interessados em determinado evento. Ela possibilita que a comunicação entre as pessoas, os integrantes de uma organização ou apenas simpatizantes de determinadas causas, aconteça em um mesmo nível. Quando alguém recebe uma mensagem na sua caixa postal, pode responder diretamente a quem enviou, a partir daquela caixa postal. Com a comunicação horizontal, elimina-se a figura do filtrador, interpretador e modificador daquela informação, papel que até recentemente era feito apenas pelos meios de comunicação de massa.

Podemos citar como primeiro exemplo de Ciberativismo, um movimento que ganhou destaque mundial: o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), do Estado Mexicano de Chiapas, que luta principalmente contra a exclusão e opressão que atinge os indígenas mexicanos há centenas de anos, também utilizando a Rede Mundial de Computadores como ferramenta para difundir seus valores.



Figura 4 – Página do Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN.

Fonte: Sítio do EZLN. Disponível em: [www.enlacezapatista.e.ezln.org.mx](http://www.enlacezapatista.e.ezln.org.mx). Acesso em: 10 de setembro de 2009.

O EZLN incorpora em sua luta as Ntics como, por exemplo, telefones via satélite e a internet como maneira de obter apoio interno e global. Seu nome homenageia a Emiliano Zapata Salazar, um dos líderes da Revolução Mexicana.

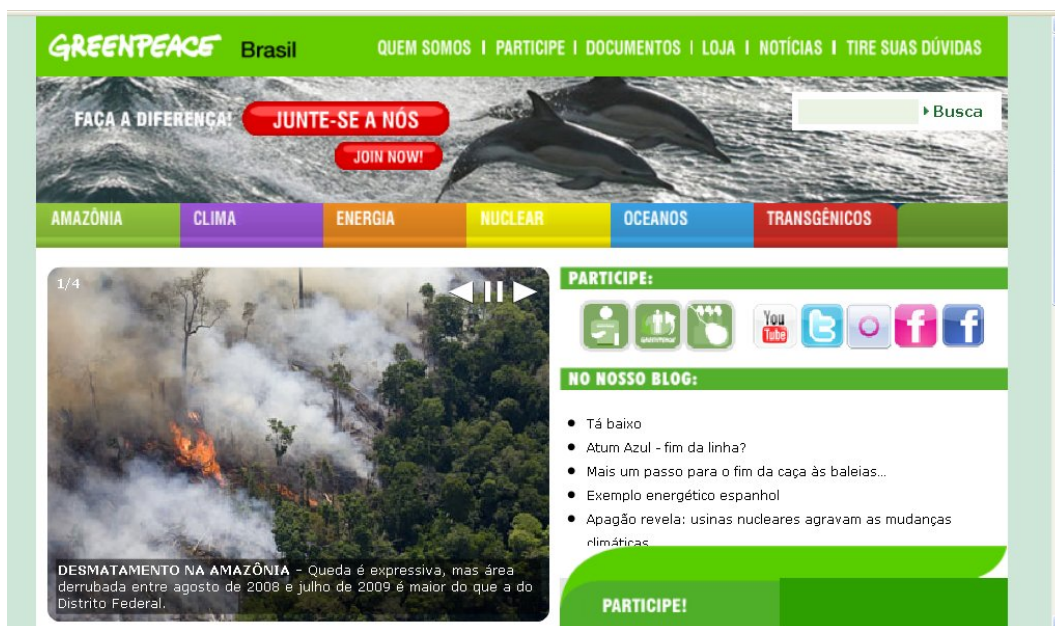
O aparecimento do EZLN no cenário político aconteceu em 1993 e, atualmente é composto majoritariamente por indígenas descendentes dos maias. O protagonismo político que esses indígenas mexicanos, a partir dos anos 90, tomaram para si, contém uma dimensão simbólica da maior importância. A expressão disso é a produção de um discurso próprio, com visões e representações dos indígenas e da sociedade por meio da Rede Mundial de Computadores, numa legítima prática Ciberativista.

Outra experiência Ciberativista muito popular no mundo globalizado está relacionada às “ações diretas não violentas”<sup>13</sup> da ONG *Greenpeace*. Entidade que existe desde 1971 e se mantém com as contribuições de seus associados em mais de 40 países. O *Greenpeace* não aceita doações de governos, partidos políticos ou empresas e possui, hoje, em todo o mundo, em torno de 3

<sup>13</sup> Ação direta é uma forma de ativismo que usa métodos mais imediatos para produzir mudanças desejáveis ou impedir práticas indesejáveis na sociedade. Fazem parte destas práticas greves, protestos, exposições, dramatizações, grafitegens etc. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o\\_direta](http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_direta). Acesso em 12 de novembro de 2009.

milhões de colaboradores, um número impressionante se levarmos em consideração sua estrutura descentralizada e independente. Em seu sítio na internet a entidade assim se define da seguinte forma:<sup>14</sup>

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o meio ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos. Investigando, expondo e confrontando crimes ambientais, desafiamos os tomadores de decisão a reverem suas posições e mudarem seus conceitos. Também defendemos soluções economicamente viáveis e socialmente justas, que ofereçam esperança para esta e para as futuras gerações. Por não aceitar doações de governos, empresas ou partidos políticos, o Greenpeace existe graças à contribuição de milhões de colaboradores em todo o mundo, que garantem nossa independência e o nosso compromisso exclusivo com os indivíduos e com a sociedade civil. Hoje, o Greenpeace está presente em mais de 40 países e conta com a colaboração de aproximadamente 3 milhões de pessoas. (ver em [www.greenpeace.org](http://www.greenpeace.org))



**Figura 05 – Greenpeace Brasil.**

Fonte: Sítio Greenpeace Brasil. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/>. Acesso em 12 de novembro de 2009.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/quemsomos/>. Acesso em 12 de novembro de 2009.

## **Ciberativismo Sem-Terra**

Desde sua formação inicial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra tem uma preocupação especial com a comunicação. Sua própria forma de organização deste setor direciona seus integrantes a aperfeiçoarem seus métodos de mobilização, e, conseqüentemente, de fortalecer suas atividades e arregimentar milhares de trabalhadores rurais visando influenciar a opinião pública, como explica a pesquisadora Isabel Costa da Fonseca, em seu artigo “Estratégias de Comunicação do MST” para se inserir na esfera pública, quando diz:

A comunicação é encarada pela organização como um instrumento para a formação de quadros políticos e a conquista de suas reivindicações. No documento “Por uma política de Comunicação do MST”, formulado em março de 1995, fica clara essa preocupação. No texto, é sugerida a criação de um coletivo que trate do assunto, define-se que a relação com os meios de comunicação seria feita por alguns dos dirigentes mais capacitados e orienta-se que todos mantenham bons contatos com jornalistas, além de indicar a produção de materiais de qualidade para serem divulgados (FONSECA, 2006, p.11).

O MST também criou em sua estrutura organizacional um departamento específico para tratar o tema, o Setor de Comunicação do Movimento, que organiza todas as ações ligadas à área e desenvolve projetos que procuram dar visibilidade ideológica à luta do Movimento. Dentre esses projetos podem ser destacados o “Jornal Sem-Terra”, existente há 22 anos, voltado para ações internas dentro dos acampamentos; a “Revista Sem-Terra”, publicação com análises de intelectuais sobre a questão agrária, que tem como público alvo integrantes da classe média, universitários, professores e a academia em geral; o jornal “Brasil de Fato”, de abrangência nacional, criado para ser um resumo semanal de notícias e análises brasileiras e internacionais sob a ótica do Movimento e da esquerda brasileira; o programa de rádio “Vozes da Terra”, que surgiu em 2000 em uma parceria com a Universidade Católica de Santos (Unisantos), e é distribuído para mais de 500 rádios comunitárias em todo o País. E, por último, o sítio do MST ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)) e suas inúmeras ferramentas de divulgação e mobilização (agenda, loja virtual, biblioteca, “spots” de rádio, manifestos, artigos, dentre outros), que está disponível em oito



idiomas, além do boletim eletrônico “Letra Viva”, produzido quinzenalmente e enviado a milhares de pessoas em todo o mundo. Para o aprofundamento desta pesquisa nos exemplos citados dedicaremos todo o próximo capítulo para analisar estas duas últimas e principais ferramentas ciberativistas do Movimento.

A militância cibernética se tornou uma das grandes ferramentas do MST, possibilitando atuações em várias frentes e espaços, conquistando, além do seu público tradicional (trabalhadores rurais e pessoas do meio camponês), todos os interessados na luta pela reforma agrária.

O ciberativismo tem possibilitado ao MST uma articulação em Rede, descentralizada e colaborativa. Parte de seus militantes interage com indivíduos do mundo inteiro propagando suas ideias, realizando ações e pautando a sociedade (direta e indiretamente). O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra se apropriou das ferramentas disponibilizadas por este novo mundo interconectado, informacional e interacional. A estrutura horizontal da Rede, como já dissemos, viabiliza ao Movimento a propagação de suas ideias sem o filtro coercitivo da mídia convencional, que, além da parca divulgação de suas ações, manipula negativamente as notícias relacionadas ao MST, criminalizando-o.

Além das atividades relacionadas ao sítio do Movimento, apesar de não haver nenhuma comunidade oficial nas Mídias Sociais<sup>15</sup> em nome do MST, o mesmo não interfere na participação de seus militantes, individualmente, em comunidades de relacionamento como Orkut ou Facebook, e inúmeros “blogs” e espaços digitais de discussão, além de agendamento e articulação pelo ciberespaço de suas necessidades e demandas.

Outra ferramenta cibernética que vem sendo usada por integrantes dos sem-terra com intensidade é o portal de compartilhamento de vídeos da internet YouTube,<sup>16</sup> Dentre as características deste portal de vídeos, uma chama a atenção: o elevado grau de interatividade entre seus usuários. Além do conteúdo audiovisual, o YouTube possui também um sistema de

---

<sup>15</sup> Mídia social é o termo aplicado as novas ferramentas midiáticas que estão possibilitando a interação de pessoas em espaços virtuais de relacionamento.

<sup>16</sup> O YouTube é sítio mais popular do gênero da internet. Ele permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acesso em dezembro de 2008.

comentários semelhante a um blog, onde os internautas podem emitir opiniões e interagir com quem postou o vídeo, ou mesmo com outros usuários que também comentaram nesse espaço.

Essa característica interacional, liberta das amarras e limitações da censura televisiva ou impressa (que vão desde a estrutura técnico-analógica fechada no quesito participação do leitor ou telespectador, passando pela linha editorial adotada pela empresa jornalística que coíbe opiniões divergentes), e potencializa a troca de informação e a liberdade de expressão; conseqüentemente, amplia o debate sobre o Movimento e cria novas possibilidades (e vozes) ávidas por manifestar suas opiniões.

Esse repositório audiovisual se tornou uma grande vitrine para as ações do Movimento. Recentemente, com as manifestações comemorativas de seus 25 anos, foram postados inúmeros vídeos de militantes e colaboradores, divulgando e propagando os ideais do Movimento para todo o mundo. Somente com a expressão “MST” há hoje, 7.150 referências no YouTube.<sup>17</sup>



**Figura 06 – 25 anos do MST no YouTube.**

Fonte: YouTube. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bFT55A-hxcM>. Acesso em dezembro de 2008.

<sup>17</sup>

Pesquisa feita no dia 17 de setembro de 2009.

A Direção Nacional do MST, por meio de sua assessoria de comunicação, quando indagada por nós sobre a utilização da comunicação digital (questionário aplicado para esta pesquisa), nos diz:

O MST entende que fazer comunicação não é apenas investir em veículos tradicionais de informação. Todo seu trabalho – desde a mobilização da base, passando pela formação, pelas marchas, pelas ocupações e lutas – são formas concretas de comunicação. Comunicamos primordialmente por meio das lutas. A trajetória de mais de 25 anos do Movimento na luta pela reforma agrária e pelas mudanças na sociedade, além da criminalização sofrida que nos obrigou a criar também nossos próprios meios de comunicação para conseguirmos abrir diálogo com o nosso povo e com a sociedade. Desde o início do Movimento, construímos rádios em nossos acampamentos, assentamentos e marchas. Desde sua origem, o MST teve preocupação com a área de comunicação [...] Com relação à internet mantemos uma página ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)), com informações sobre a história do Movimento e suas lutas, e que são acessadas em média cinco mil vezes semanais. Distribuímos também um boletim eletrônico quinzenal, o “Letra Viva”, com o posicionamento do Movimento sobre os temas da conjuntura (Assessoria Nacional de Comunicação do MST, 19/6/2009).

Nascido no bojo das lutas populares em favor da redemocratização no Brasil, no início dos anos 80, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra soube unir alguns fatores que o tornaram o movimento social mais conhecido na América Latina, e um dos maiores do mundo. Primeiramente fez da necessidade antiga e urgente de se realizar a reforma agrária no Brasil sua maior bandeira, arrematando massas de excluídos do campo (e da cidade) por todo o país; Casou esta necessidade com um complexo e amplo sistema de “educação militante”,<sup>18</sup> onde seus adeptos participam de constantes treinamentos, capacitações, mini-cursos, oficinas e até cursos superiores de graduação e especialização, visando à qualificação de seus integrantes; e, por fim, uniu esses fatores a mobilização da opinião pública, sensibilizando-a para sua luta, utilizando todas as ferramentas de comunicação que lhes estão disponíveis, e num lugar de destaque, as ferramentas oferecidas pelas Ntics e as redes digitais de comunicação.

Na entrevista que realizamos com a Direção Nacional do Movimento para esta pesquisa, seus líderes pontuam a importância destas ferramentas

---

<sup>18</sup> Baseado em vários teóricos da Esquerda brasileira e latino-americana, mas, sobretudo, do educador pernambucano Paulo Freire.

digitais, mas fazem questão de afirmar, por outro lado, que tal relação com as novas mídias é apenas consequência de suas necessidades comunicacionais e que de nada valeria se o MST não fosse, segundo eles, “um movimento social de massas e ao mesmo tempo popular”, que atua na realidade concreta de milhões de trabalhadores sem-terra.

O site do MST e o nosso informativo quinzenal “Letra Viva” são talvez hoje os maiores protagonistas desse debate na internet. Porém, para além desses meios, existem outros de importante expressão, pertencentes a outras organizações e entidades que também lutam pela reforma agrária, entre eles, a Abra (Associação Brasileira de Reforma Agrária), CPT (Comissão Pastoral da Terra), Via Campesina, Cáritas, MMC (Movimento de Mulheres Camponesas), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), Contag e Fetraf, que são os principais. Nosso Movimento tem uma base de mais de um milhão de trabalhadores rurais em 23 Estados, em um País onde a exclusão digital é muito grande. Temos lutado para que o Estado faça um grande programa de inclusão digital, com a criação de telecentros em todos os assentamentos. Tivemos conquistas nesse campo, especialmente com a instalação de pontos de cultura<sup>19</sup> em áreas da reforma agrária, onde já promovemos capacitação [...] Apesar disso nos consideramos um movimento social, de massas e popular. Porque mesmo que façamos uso das novas tecnologias para a luta social, sem a ação real, sem as mobilizações massivas, não existem transformações sociais. Uma ocupação de terra é muito mais eficiente para agilizar a reforma agrária do que uma campanha de correios eletrônicos. (Ibid, 19/6/09)

Mesmo com a ressalva feita pelos coordenadores do MST em relação à utilização das ferramentas ciberativistas, é através delas que respostas imediatas (e que não ecoam na mídia tradicional) podem ser emitidas. Um caso recente foi a nota pública feita pelo Movimento em resposta à revista “Veja”, que aqui reproduzimos por meio do blog de ciberativistas Trezentos:

---

<sup>19</sup> O Ponto de Cultura não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a comunidade. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=31](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31). Acesso em 17 de setembro de 2009.



**Figura 07 – Nota Pública MST (Blog Trezentos).**

Fonte: <http://www.trezentos.blog.br/>. Acesso em 17 de setembro de 2009.

Outra mobilização digital recente feita pelo Movimento foi o manifesto “Contra a violência do agronegócio e a criminalização das lutas sociais”.<sup>20</sup> Coincidentemente escrito às vésperas do exame de qualificação desta pesquisa de mestrado e desde então um exemplo de ativismo digital sem-terra imprescindível a ser citado. O referido manifesto está disponível, além do português, em mais três línguas (espanhol, italiano e francês) e, em poucos dias circulou em várias partes do mundo (por meio das Redes de relacionamento e de e-mails (reencaminhados), sensibilizando e conquistando signatários de inúmeros países, muitos deles personalidades consagradas em várias áreas do conhecimento, totalizando, até o momento (13 de novembro de 2009), 5.853 assinaturas.

Outra prova de que o MST está conectado às novas mídias digitais e praticando intensamente o ciberativismo é sua adesão ao Twitter. Como já mencionamos anteriormente, este microblog é o maior fenômeno recente de compartilhamento de informações pela Rede. Somente até julho deste ano, 50

<sup>20</sup>

Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/8439>. Acesso em 13 de novembro de 2009.

milhões de usuários<sup>21</sup> havia se cadastrado no blog de utilização dinâmica e funcional (um híbrido de e-mail, lista de discussão e Rede social) que consegue, em apenas 140 caracteres permitidos para escrever, disponibilizar informações – por meio de links – de todos os gêneros e espécies aos seus “seguidores”, expressão esta utilizada pelo serviço.



**Figura 08 – Twitter do MST.**

Fonte: Twitter. [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial). Acesso em 13 de novembro de 2009.

## Considerações Finais

Tendo em vista todos os argumentos apresentados anteriormente, apontamos que o ciberativismo praticado pelo MST possui características específicas em se tratando de movimentos sociais ou articulações da sociedade civil que utilizam o ciberespaço como arena de luta. A maior delas: o MST é um movimento social ligado ao meio rural do Brasil. Diferentemente de outros grupos e entidades nascidas do meio urbano das cidades, o ativismo digital dos sem-terra têm em suas raízes históricas o meio camponês brasileiro.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://melinka.net/twitter-no-para-de-crescer/>. Acesso em 13 de novembro de 2009.

Outra constatação verificada na militância digital do MST é a dificuldade que seus integrantes encontram para acessarem a rede mundial de computadores. Considerando a visível limitação do acesso a internet no Brasil<sup>22</sup>, o MST, movimento social popular e de massas faz uso das tecnologias digitais de informação e comunicação visando propagar suas idéias e concepções, além de utilizarem essas ferramentas como comunicação contra-hegemônica aos meios midiáticos massivos. Podemos desse modo, afirmar que o MST faz uso frequente das mídias digitais com a finalidade político-ideológica e, portanto, pratica o ativismo social e político através das mídias digitais, como forma de potencializar suas ações dentro e fora do ciberespaço.

O MST tem como maior ferramenta ciberativista seu sítio na internet, que guarda inúmeros recursos que vão desde a exibição de reportagens, documentos, agendas, vídeos, fotos, comercialização e mecanismos de interatividade. Mas o sítio não é a única ferramenta que os Sem-Terra possuem. Como verificamos neste artigo, o Movimento faz uso abundante de fóruns de discussão através de e-mails, possui uma *newsletter* que é enviada para milhares de pessoas em vários países, faz manifestações e campanhas virtuais de assinatura, usa o Twitter, posta vídeos no YouTube e debate, individual e coletivamente, através de seus militantes e simpatizantes, em blogs e outras redes sociais disponíveis na internet.

Através de todos os dados expostos neste artigo, podemos apontar que o MST é um movimento social brasileiro ciberativista, e que o mesmo utiliza os recursos das mídias digitais para propagar sua visão política, social e cultural. Sem esquecer, neste quesito, como foi verificado anteriormente, que para o Movimento se consolidar ainda mais no campo do ativismo digital, ele precisa enfrentar um problema existente não só para os trabalhadores rurais, mas, também, para grande parcela da população urbana: a exclusão digital, que, como afirma Amadeu (2001), é a “grande miséria do século XXI”. Tal problemática – que voluntariamente não aprofundamos neste artigo, por não ser esse o nosso objetivo –, está sendo trabalhada pelos Sem-Terra através de projetos de inclusão digital (telecentros e pontos de cultura) em vários

---

<sup>22</sup> Aqui consideramos que as políticas de inclusão digital no país ainda não deram conta da universalização do serviço de internet, fazendo com que milhares de pessoas tenham acesso limitado ou mesmo não tenham o acesso a rede mundial de computadores.

assentamentos do MST, em parceria com governos e entidades internacionais. Dessa forma o Movimento coloca em prática o que verificamos no começo deste artigo: a produção de seu próprio conteúdo (e a consequente visão de mundo) na sociedade globalizada.

Por fim, verificamos que a constante incidência do MST nas discussões sobre a Reforma Agrária, suas inúmeras manifestações e todos os tipos de ações exercidas no ciberespaço (e fora dele) colaboram para a efetivação do debate democrático na sociedade brasileira. Incentivando, nesta grande arena multifacetada e virtual que é a rede mundial de computadores, o ciberativismo sem-terra. Uma luta presencial (e secular!) com recursos digitais que está ampliando – e qualificando – o debate sobre o tema na Nova Esfera Pública Interconectada, a “Ágora” do século XXI.

### **Referências Bibliográficas**

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom.** New Haven and London: Yale University Press, 2006.

BRANCO, Cláudia Castelo; MATSUZAKI, Luciano Yoshio (org.). **Olhares da Rede.** São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BRANFORD, Sue. ROCHA, Jan. **Rompendo a Certa: A história do MST.** São Paulo: Casa Amarela, 2004.

BRITTES, Juçara. **Internet, Jornalismo e Esfera Pública: Estudo sobre o processo informativo do ciberespaço na formação da opinião.** São Paulo: 2003. 189p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, USP- 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade.** 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em Rede.** A era da Informação: economia, sociedade e cultura; vol.01. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COHN, Sérgio; SAVAZONI, Rodrigo (Org). **Cultura Digital.** BR. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.



DOWNING, John D. H. **Mídia Radical** – Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano; STEDILE, João Pedro. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

FONSECA, Isabel Costa da. **Estratégias de Comunicação do MST para se inserir na Esfera Pública.** Puc-MG. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2005.

GOHN, Maria da Gloria. **Movimentos Sociais no Início do Século XXI.** São Paulo. Editora: Vozes, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOBSBAWN, Erick. **A Era dos Extremos:** O breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface:** como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE MOS, André; PALÁCIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo, Ed. 34, 1999.

MOISÉS, Diogo de Almeida. **A revista Veja na cobertura de Terras no Brasil:** Análise da revista Veja frente ao MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Monografia de Graduação. UNI-BH. Belo Horizonte, 2005.

NEGROPONTE, Nicholas. **Vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORRICO, Neblina. **Movimentos Sociais e a Internet.** Brasília: 2005. P.54. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília, UnB-2005.

PRETTO, Nelson de Luca. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.). **Além das Redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder: Salvador: Edufba, 2008.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Editora Hacker, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: 10.<sup>a</sup> ed. Record, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão Digital: a Miséria na Era Digital**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis, Vozes, 1998.

UGARTE, David de. **O poder das Redes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

### **Internet**

BRITTES, Juçara. **A revitalização da esfera pública habermasiana pela comunicação ciberespacial**. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acesso em 20 de junho de 2009.

CÂMARA, Antônio. **A atualidade da reforma agrária - de Canudos aos Sem-Terra: a utopia pela terra**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/03camara.html>. Acesso em 7 de novembro de 2009.

MANÇANO, Bernardo. **Cadê o Agronegócio? Cadê os alimentos?** Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2008/5/5/cade-o-agronegocio-cade-os-alimentos-artigo-de-bernardo-mancano-fernandes/>. Acesso em 8 de novembro de 2009.

MORAES, Denis. **Ativismo Digital**. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acesso em: 16 de setembro de 2009.